

DESENVOLVIMENTO

Distrito Federal se transforma em pólo de atração de investimentos produtivos. Empresas dos mais diversos ramos, do financeiro ao varejo, abrem filiais na capital em busca da maior renda per capita do país

No radar do dinheiro

VICENTE NUNES E
 LUCIANA NAVARRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Não é preciso ser nenhum gênio da economia para perceber que o investimento tem como prioridade o lucro. E, durante um bom período, o Distrito Federal não se encaixou muito bem nessa visão prática dos donos do dinheiro. Pois, de dois anos para cá, a capital do país quebrou esse tabu. Deixou de ser vista como um mero centro político-administrativo para se transformar em um dos pólos econômicos mais ativos do Brasil. Do varejo ao setor farmacêutico, do mercado imobiliário ao financeiro, todos querem tirar proveito das oportunidades que emergem da cidade que detém a quarta maior população do país, renda per capita três vezes superior à média nacional, uma leva de servidores públicos ávidos por consumir e tomar empréstimos e um sistema de logística bem-estruturado.

Um dos casos mais recentes da Brasília que entrou no radar dos investimentos é o da cadeia de lojas Zêlo, de cama, mesa e banho, com forte atuação em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. "Fizemos pesqui-

sas para determinar as áreas em que iríamos crescer. E Brasília apareceu na linha de frente, com uma concentração de clientes e de renda muito favoráveis", afirma Mauro Razuk, sócio-diretor da empresa. E ele não tem do que reclamar. No primeiro fim de semana de funcionamento no DF, as vendas ficaram 50% acima do programado. "Tivemos que mandar cargas extras com dois motoristas no caminhão, para que dividissem o trabalho e não atrasassem o reabastecimento", conta. A Zêlo de Brasília, com 370 metros quadrados, custou R\$ 1 milhão e tem um tíquete médio (valor de venda) 30% a 40% superior ao de pontos tradicionais na capital paulista. "Os resultados no DF têm sido tão bons, que estamos nos preparando para abrir outra loja na cidade no próximo ano", avisa.

Recém chegado ao DF, o presidente do Banco Fator, Manoel Horácio Francisco da Silva, é taxativo: "Para uma empresa que tem planos consistentes de crescimento, como é o nosso caso, não há como ficar de fora do DF. Estamos falando de um mercado em expansão que exige presença física para atendê-lo". Sócio-diretor da Corretora XP Investimentos, Marcelo Maissonave se diz surpreso com o retorno de

seu negócio, que consumiu investimentos de R\$ 270 mil. "Nove meses depois de inaugurar um escritório de 50 metros quadrados, aumentamos em seis vezes a nossa estrutura em Brasília", diz. A XP, que disputa com as corretoras Ágora e Ativa a atenção dos poupadores brasilienses, ávidos pelos ganhos do mercado acionário, terá em breve dois concorrentes de peso: a SLW e a Umuarama, instituições cariocas que já estão em busca de espaço e gente para fincar raízes na capital.

A Aché Laboratórios vai na mesma direção. Terceira maior empresa farmacêutica do país, anunciou investimentos de R\$ 40 milhões no DF para a construção de um centro de distribuição de medicamentos, que empregará 120 pessoas. "A localização geográfica facilita a logística de distribuição e Brasília oferece uma ótima infraestrutura", ressaltou o diretor da companhia, José Roberto Mendes da Silva. Que já faz as contas: "Queremos triplicar nossa receita com a chegada no DF". No ano passado, o lucro da Aché ficou em R\$ 1 bilhão.

LEIA MAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO

NA PÁGINA 23

Hiram Vargas/Especial para o CB - 16/12/07



COMÉRCIO ATRATIVO: CONCENTRAÇÃO DE CLIENTES E RENDA FAVORÁVEIS EM BRÁSÍLIA